

# Suplemento Cultural

## O TRABALHO E SUA ÉTICA

**ALTEVIR ALENCAR** – poeta/jornalista, advogado, membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Os caminhos da evolução do ser humano são ciência e trabalho.

É necessário, antes de pensar no progresso futuro, amadurecer o progresso presente. Maravilhoso é nosso dinamismo trabalhador e criador, mas não o tomemos como objetivo absoluto, como tipo definitivo e completo de vida, mas apenas como meio para atingir um estado mais distante e algo superior. Aprendamos a ver seus pontos fracos e a querer superá-los porque neles também estão as culpas, os males e as dores que nos afligem. Admiremos e, acima de tudo, aperfeiçoemos.

Se o trabalho, tal como o entendemos, transforma a Terra, não transforma, contudo, o homem. E o homem é o valor máximo, o centro dinâmico que sempre retorna. É a fase de consciência alcançada, a matriz de todas as construções futuras. Não basta criar o ambiente; indispensável agir também no âmago e criar o homem. Nossa mentalidade utilitária e egoísta fez do trabalho

uma condenação, transformando-o num instrumento perverso de opressão e exploração, ao invés de direcioná-lo para o bem coletivo, num tormento insaciável de posse. O materialismo fez do homem um ser mau – *homo homini lupus*, dedicado a oprimir o próprio semelhante. Sim, digamos a verdade: o homem ainda é o lobo do homem; o aviltamento da mão de obra, o trabalho semiescravo, dissimulado ou visível, tolerado pelo Estado; a exploração de crianças e adolescentes que deveriam estar na escola, maculando o nosso mundo socioeconômico. O hedonismo, que impera no mundo econômico, fez do trabalho uma forma de luta e uma tentativa de furto. É uma dor que recai por sobre nós, mas isso é compreensível, porque exprime exatamente o que somos. Todos os nossos males são devidos às nossas imperfeições sociais e à nossa impotência de saber edificar no amor e no bem.

Por isso, tantos males, como a guerra, são ocasionados pelo que somos e pelo que eles são, inevitáveis, até que nos transformemos. O trabalho, antes de tudo e sobretudo, não é uma necessidade econômica, uma neces-



(FOTO: GOOGLE)

Em qualquer área, na indústria ou comércio, público ou privado, o trabalho honesto sempre dignifica o cidadão

sidade moral. Deve trabalhar o pobre, entretanto, deve também trabalhar o rico. O pobre trabalha para sobreviver, porém, o rico que não trabalha é mau usufrutuário, é depositário infiel do que Deus lhe confiou. Ao conceito limitadíssimo, egoísta e socialmente danoso, de trabalho lucro, é preciso substituir o conceito de trabalho-dever, de trabalho-missão, convertendo-os em trabalho função-social. Limitar o trabalho com a única finalidade egoísta

do lucro é diminuir-se, é um mutilar-se, uma renúncia à função de célula social, de construtor que, menor que seja, tem seu lugar no funcionamento orgânico da consciência coletiva. Ele dará um sentido de seriedade, de dever, de responsabilidade à vida, fazendo dela um campo de exercícios, ao invés de um carnaval de vadios; evitará o espetáculo de tantas leviandades que insultam o pobre; dará alto valor ao dinheiro que tem sabor de esforço e que

“

Se o trabalho, tal como o entendemos, transforma a Terra, não transforma, contudo, o homem. E o homem é o valor máximo, o centro dinâmico que sempre retorna”

é o único honesto.

Assim, o trabalho não é uma condenação social dos deserdados, mas um dever de todos, a que não é lícito fugir. O ócio é ilícito, mesmo quando as condições econômicas o permitam. O progresso é filho do trabalho, e tudo tem que progredir: os minerais, os vegetais, os animais, – e, por que não? – os humanos! É ditame imprescritível de Lei universal.

Ao retrocedermos no passado, o trabalho era posição de vencido e de escravo, ao contrário, ao progredirmos no futuro, mais o trabalho se tornará ato nobre de elevação e de evolução.

Que façamos do trabalho não uma condenação, mas um ato de valor e de conquista.

## POESIAS

### Borboletas

Borboletas me convidaram a elas.  
O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.  
Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens e das coisas.  
Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta seria, com certeza, um mundo livre aos poemas.  
Daquele ponto de vista:  
Vi que as árvores são mais competentes em auroras do que os homens.  
Vi que as tardes são mais aproveitadas pelas garças do que pelos homens.  
Vi que as águas têm mais qualidade para a paz do que os homens.  
Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que os cientistas.  
Poderia narrar muitas coisas ainda que pude ver do ponto de vista de uma borboleta.  
Ali até o meu fascínio era azul.

**MANOEL DE BARROS** – foi membro da ASL

### Bonito lindo

Eu testemunhei  
Deus trabalhando  
No município de Bonito

Vi a água viva  
Brotando sem cessar  
Numa grandeza humilde  
Vinha o mundo sustentar

Deus dá  
Para renovar a vida  
Calor  
Fluído  
Movimento  
Atração  
Refluxo

A sombra  
O sol  
A luz

Assim no céu  
Como na terra

Se nas estrelas contemplamos  
O infinito  
Assim também o fazemos  
Olhando  
O chão  
A terra  
O lodo  
Peixes mil  
Dão bom dia  
Ao sol ao céu  
De anil

Tu és linda  
Cidade Bonito  
Maravilhosa  
Reduto onde Deus  
Descansa trabalhando.

**GUIMARÃES ROCHA** – pertence à ASL

## O PEDREIRO

**ADAIR JOSÉ DE AGUIAR** – cronista/poeta, pertenceu à ASL

Chegou cedo. O primeiro. Como sempre.  
Pegou a ferramenta: o prumo, o nível, o metro, a trolha, a régua... Assobiou. Seria um dia bonito aquele.  
De manhã tinha falado: tem pagamento hoje. Ela ainda acenou com a mãozinha da menina p'rá ele.  
Só seis meses, aquela coisinha. Tão lindinha! Ele saía sempre animado com aquilo.  
Na casa do deputado ainda dormiam. Também na casa do doutor, que tinha umas quantas fazendas e, às vezes, era médico.  
A casinha dele tão pequenina, tão sumidinha, com jeito de criança acanhada no meio de adultos.  
Nem era bem dele. Estava pagando. Haveria de pagar tudo e fazer uma casinha nova e um pequeno jardim pra ela brincar, quando fosse gente e viesse encontrá-lo de volta do trabalho.  
Tudo tinha um modo. Ele era assim: botava uma coisa na cabeça e falava sempre e pensava

muito. Tudo tinha um tempo.

La ser um grande dia. Sentiu dentro uma coisa nova. Pegava aquele dinheiro, era pouco, mas comprava um vestido novo pra ela, um brinquedo pra aquela coisinha!

Ao menos nesse natal seria diferente. O primeiro dela. Tão lindinha.

Um sino tocou por perto. Era amanhã. Hoje de noite tudo estará iluminado: “Noite Feliz...”

Sentava tijolo. Tudo leve. Liso. Uma beleza. O elevador ia e vinha.

Essa água daí, Juca.

Mais massa?

Quero.

Doze andares. Estrutura só de cimento e ferro. Aquilo chegaria no céu.

Que bom lá de cima. Via tudo agora.

Danados, pagavam nada. Nem garantias. Só no papel. Trabalho, muito trabalho. No duro. Tudo exato, pontual. Nem atraso nem falta. Ele sempre fora o primeiro. Tinham direito. Mandavam. Mas eles...não, nada disso, não queria pensar coisas ruins.  
Olhou o céu. Azul.

Lá embaixo os carros. Um formigueiro. Progresso.

## ARTE PROPRIEDADE DE TODOS

**AMÉRICO CALHEIROS** – poeta/cronista e membro efetivo da ASL

Ainda bem, espero, estão distantes os dias em que se pensava que a arte era um privilégio de escolhidos, abençoados pelos deuses, detentores de dom divino, seara de poucos. Não resta dúvida de que algumas pessoas têm mais facilidade para o exercício da arte, que outras já nascem prontas para a prática artística e que, ainda, algumas pouquíssimas já nascem gênios nesse setor.

Se a evolução das civilizações tem comprovado que a arte não é território dos deuses, ainda há muitos intimidados com sua força e beleza, o que acaba provocando um distanciamento das pessoas em relação a ela. A educação escolar brasileira não tem contribuído, efetivamente, para quebrar este tabu, desvendando o fazer artístico e colocando-o ao acesso de todos de forma simples, sem mistério, mostrando que ele não é, de fato, domínio de poucos, ou dos primeiros que se destacam na sua elaboração.

O estreito contato com a arte que deve se iniciar nos bancos escolares e fortalecer-se no seio da família, expandindo-se para a sociedade, só aprimora a visão de mundo das pessoas, sensibiliza-as para uma vida melhor e aperfeiçoa suas emoções. Amantes e apreciadores da arte podem ser pessoas melhores no trato humano; na concepção de uma estética de vida mais criativa, na elaboração de soluções inovadoras para velhos problemas. A primeira preocupação do ensino regular não deve ser preparar artistas e, sim, permitir as pessoas que conheçam esse universo. Se desse conhecimento surgirem artistas, ótimo!

Senão, no mínimo, terá formado pessoas sensíveis à arte e de melhores sentimentos.

No Brasil, além de tudo, colabora para o distanciamento que a maioria das pessoas tem da arte, o fato de que ela, na sua concepção mais sofisticada, tem sido bastante associada à elite. E, sem dúvida, o conhecimento e o usufruto do patrimônio artístico têm ficado restrito a uma minoria privilegiada da população brasileira. Também fortalece essa postura o preconceito que gira em torno da arte e dos artistas, taxando-a de coisa de amalucados e, aos artistas, como protagonistas dessa loucura que, para a maioria, não leva a nada. Salvam-se aqueles ligados à megaindústria televisiva, grande sonho de consumo dos pais e mães das famílias pobres e da classe média do país, porque implica ascensão social.

A arte em si é revolucionária. Rompe códigos estabelecidos, revira conceitos, transforma mentes, modifica posturas, altera o status quo, desaliena. Talvez por isso muitos aprisionam sua porção artística, trancando-a a sete – chaves pelo medo de pagar o preço advindo dessa revolução. Sufocar o potencial artístico, inerente a cada homem e mulher é matar a própria emoção. O ser humano tem uma necessidade atávica de manifestar seus sentimentos, suas emoções, e a arte é o maior e imediato canal para que isso ocorra. Sem colocar pra fora seus “bichos” em forma de arte, aí sim a pessoa pode literalmente pirar.

No bojo dessa sociedade que se alimenta da neurose, da competição, do sofrimento e desespero de muitos e da glória de poucos, a arte e sua vibração ficam cada vez mais indispensáveis à sanidade individual e/ ou co-

Tijolo, moçada.

O elevador despejou tijolo.

Batiam ferro. O suor caía. Levantou o chapéu, passou a mão nos cabelos empapados.

Me dá um cigarro.

Foi aí. Perdeu o pé. Bateu uma, duas, três...doze...

O borrão vermelho no piso.

Curiosos. Autoridades. Muita gente. Aglomeração. Ambulância.

Ela chorando. E aquela coisinha acenando com as mãozinhas.

Depois: bater de ferros. O elevador indo e vindo.

A cidade estrugindo. Um formigueiro. Progresso.

Na casa do deputado estavam levantando.

Também na casa do doutor.

Chegou o padreiro.

O leiteiro.

O verdureiro.

...

A noite cheia de luzes: “Noite Feliz...Noite Feliz...”

A casinha dele também iluminada. Algumas pessoas em silêncio.

Um sino tocando por perto.

letiva. Comprometida com o relato do tempo presente, ou descompromissada de tudo, ela é a reoxigenação da coletividade, do imaginário humano, da força primária que movimenta a humanidade. Basta apenas pensar o mundo sem música, a dança, o teatro e a pintura, para perceber que essas manifestações não são ingredientes supérfluos. A humanidade não sobrevive sem arte.

Toda pessoa tem sua porção genética de arte. Mesmo os mais abrutalhados param diante de uma expressão artística e viajam...

Na minha concepção, quando o ser humano entrelaça o talento natural com o contínuo exercício, a arte brota com mais força e beleza; porém é possível, a cada um de nós, mesmo sem aparente inclinação à arte, desenvolvê-la e, muitas vezes, chegar a um patamar de perfeição próprio dos considerados iluminados. O exercício, o estudo, a dedicação e a pesquisa são armas poderosas na busca do belo, do perfeito. Quem tiver dúvidas, que tome a si esse desafio.

Pela grandeza de sua extensão humanizadora, pelo prazer que proporciona, pelas mãos, pelos olhos, pelo coração do mundo. Ela é propriedade inalienável de todos.

“

Na minha concepção, quando o ser humano entrelaça o talento natural com o contínuo exercício, a arte brota com mais força e beleza”